

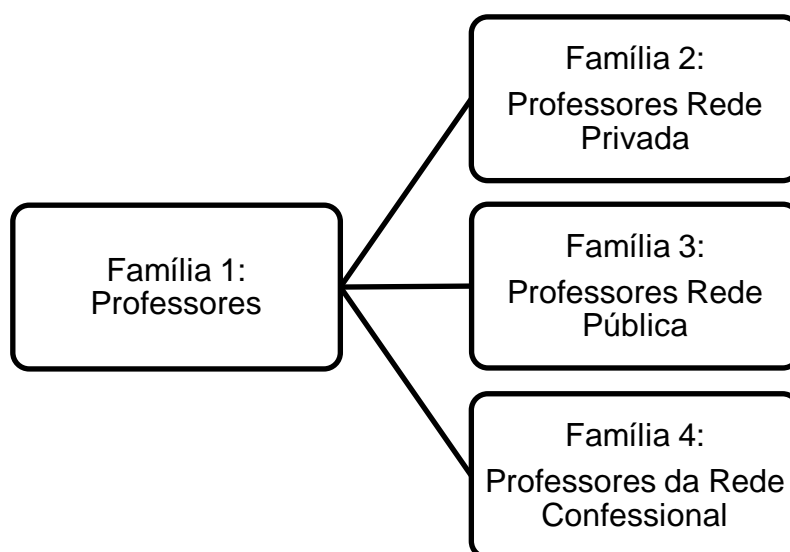
5. ANÁLISE DOS DADOS

Para o início dos trabalhos de análise dos dados produzidos, partimos de duas fontes básicas e complementares para o início da codificação. Primeiramente, listamos as categorias de análise relevantes e referentes ao nosso problema de pesquisa, oriundos da revisão de literatura. Concomitantemente, criamos categorias provenientes da empiria, o que nos permitiu não apenas constatar e confrontar ideias anteriormente estudadas por outros pesquisadores, como também apresentar nossos achados de pesquisa que, por ventura, permitiram diálogos com os estudos já realizados.

Elaboramos um extenso manual de códigos no qual se encontram as 42 categorias de análise e suas respectivas subdivisões e exemplos.³³ Através do manual é possível aferir de que modo as entrevistas foram codificadas, que parâmetros foram utilizados para a análise das falas dos entrevistados, assim como exemplos para cada código.

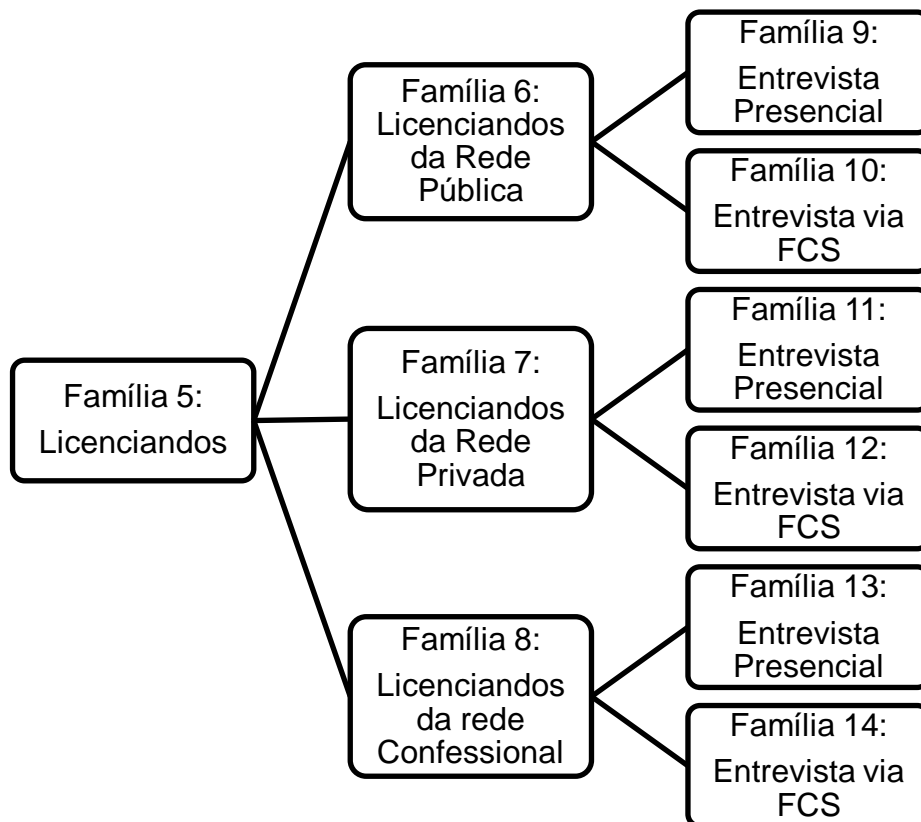
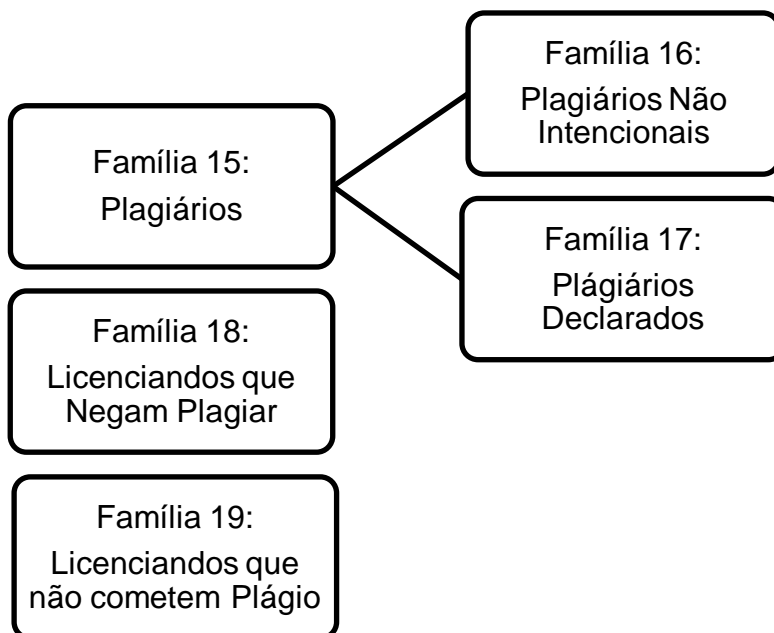
Após a elaboração do manual, as entrevistas foram analisadas com o auxílio do software *Atlas.Ti*³⁴, que permitiu uma análise decupada e pormenorizada das entrevistas a partir da criação de 19 famílias de documentos que podem ser compreendidas através dos diagramas abaixo:

Diagrama 1: Família de professores



³³ Vide Manual de Códigos em anexo.

³⁴ Versão 06 (1993-2013)

Diagrama 2: Família de Licenciandos**Diagrama 3:** Relação entre licenciandos e plágio

O software nos permitiu, através de suas ferramentas, gerar relatórios de dados e construir tabelas em *Office Excel* (2007) que puderam ser analisadas, comparadas e cruzadas de acordo com as questões de pesquisa. As tabelas ilustrativas com o resumo dos dados produzidos serão apresentadas nos próximos itens.

5.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados produzidos na empiria serão, a partir deste momento, organizados de modo a facilitar a leitura e o encaminhamento das discussões. Optamos por alojá-los no texto em forma de blocos temáticos que respondem às questões de pesquisa. Iniciaremos pela apresentação dos resultados gerais das entrevistas com licenciandos e, gradativamente, mesclamos as respostas dos professores participantes de modo que as análises possam ser comparadas.

É de fundamental importância reafirmar que nossa pesquisa possui caráter qualitativo e, dessa forma, os valores numéricos apresentados tornam-se ilustrações para os conceitos e categorias abordados.

5.1.1. FAZENDO O TRABALHO DE PESQUISA

Apresentam-se aqui os resultados obtidos através das respostas dos licenciandos para as questões concernentes ao processo de realização de um trabalho de pesquisa. Serão evidenciados temas como: a) fontes de busca e primeira fonte de busca; b) retorno dado pelos professores acerca dos trabalhos dos licenciandos; c) processo de ensino de referência; d) orientações sobre plágio; e) orientações institucionais sobre o plágio; f) conhecimento/contato das/com orientações institucionais.

5.1.2. FONTES DE BUSCA E PRIMEIRA FONTE DE BUSCA

Ao serem arguidos acerca das fontes de busca utilizadas para a realização das pesquisas, os licenciandos entrevistados deram destaque para: a internet, o uso de livros e as indicações dadas pelos professores. Notamos que a biblioteca e a consulta a colegas são pouco citadas, o que reforça nossa ideia de que o uso da

internet deve ser orientado a fim de que os licenciandos façam um uso profícuo de todos os recursos por ela oferecidos. A tabela abaixo resume os dados produzidos:

Fontes de busca utilizadas por licenciandos	
N=30	
Internet	24
Livros	15
Indicações do professor	11
Leituras do curso	5
Sala de aula	3
Outras	3
Biblioteca	2
Colegas	2

Tabela 4: Fontes de buscas utilizadas pelos licenciandos.

De modo geral, os dados acima mantém coerência com a tabela que se segue e que traz as respostas para o seguinte questionamento: *ao realizar um trabalho de pesquisa, qual é a sua primeira fonte de busca?* As ocorrências corroboram nossa hipótese de que a internet é a fonte de pesquisa mais utilizada pelos licenciandos, sendo ela a primeira fonte de consultas. Na sequência, assim como na tabela acima, são ocorrências: a) o uso de livros; b) as indicações dadas pelos professores; c) leituras do próprio curso; d) outras fontes como televisão, museus, filmes; e) biblioteca; f) sala de aula; g) colegas de turma.

Em comparação com a tabela anterior, notamos que a consulta a colegas não aparece como primeira fonte de consulta. Outro fato que chama atenção tem a ver com o uso da biblioteca como primeira fonte. Apenas uma resposta indicou que a biblioteca é usada como primeira fonte de buscas.

Este fato pode ser um indício de que o plágio, caso ocorra, seja configurado, em maior escala, a partir do uso indevido de material de internet em detrimento aos livros e outros tipos de material impresso.

Primeira fonte de busca dos licenciandos	
N=30	
Internet	16
Indicações do professor	5
Livros	3
Leituras do curso	2
Outras	2
Biblioteca	1
Sala de aula	1
Colegas	0

Tabela 5: Primeira fonte de buscas dos licenciandos

5.1.3.

RETORNO DOS PROFESSORES ACERCA DOS TRABALHOS

A fim de compreendermos se os professores dão retorno às pesquisas realizadas por seus licenciandos, ou de que forma este retorno é realizado, lançamos os seguintes questionamentos: *seus professores dão retorno sobre os trabalhos que você realiza? Caso sim, de que forma este retorno é realizado?* A partir das falas dos licenciandos, podemos evidenciar algumas colocações. Percebemos que os professores de modo geral, tem dado algum tipo de retorno aos licenciandos. No entanto, o que chama atenção é o modo como esse retorno se realiza. Se apenas uma nota ou grau é apresentada ao licenciando, este fica sem maiores detalhes acerca de suas construções autorais. Com relação ao retorno através de comentários, percebemos que houve apenas oito respostas relacionadas a indicações de conteúdo e forma, como um todo que compõe um trabalho de

pesquisa. Há professores comentando apenas o formato dos trabalhos, ou apenas o conteúdo, sem a visão do todo necessária a uma investigação. Quinze das ocorrências encontram-se divididas entre retornos vagos, que não permitem definir com clareza como são delineados. A tabela a seguir resume e ilustra as proposições realizadas anteriormente:

Formas de retorno dos trabalhos	
N=30	
Retorno grau/nota	12
Retorna conteúdo	8
Retorno conteúdo e forma	8
Faz observação não especificada	5
Retorno/conversa com aluno	3
Retorno/formatação	3
Comentários gerais	2
Apenas um professor deu retorno	2
Não dão retorno	1

Tabela 6: Formas de retorno dos trabalhos relatadas pelos licenciandos.

Na sequência encontram-se alguns exemplos de respostas de licenciandos que ilustram os dados da tabela acima e reforçam a ideia de que o retorno dado pelos professores aos alunos, no que se refere aos trabalhos de pesquisa, tem sido insuficiente.

MACEDO: Você entrega [o trabalho], *só sabe a nota* e você *nem recebe seu trabalho de volta*.

“L”: Eles falam assim: *“o trabalho da turma em geral foi muito bom e não sei o quê...”*. Só que geralmente *chegar assim “olha, seu trabalho tava muito bom e tudo mais...”*, *não, geralmente não*.

MARILENA: Hum... *eu tive na... nessa experiência da licenciatura agora o retorno de uma prova*. Achei legal. A professora montou uma grade de respostas que ela achava adequada e deu o retorno pra gente de como ela queria a prova e... à medida que você ia

botando os assuntos, qual seria sua pontuação... foi *uma experiência só de prova. De trabalho ainda não tive retorno não.*

Assim, se considerarmos que o tipo de retorno mais adequado, ao nosso ver, é aquele que correlaciona observações sobre conteúdo e forma, apenas oito ocorrências foram registradas, o que nos indica, dentro desta empiria, que ainda são insuficientes as formas de retorno dos trabalhos de pesquisa oferecidas aos licenciandos.

Na tentativa de aferir quem são e onde trabalham os professores que dão retorno das pesquisas comentando conteúdo e forma, analisamos as falas dos oito licenciandos que fizeram declarações do tipo: *Sim! Recebo retorno acerca do conteúdo do trabalho e também da formatação.* Pudemos constatar que existem, nos três tipos de universidades participantes da investigação, professores que comentam tanto a forma quanto o conteúdo, exercendo desse modo um acompanhamento que, aos nossos olhos, soa como o desejado.

Tipo de universidade	Alunos que recebem comentários acerca de conteúdo e forma dos trabalhos / N=8
Pública	3
Filantrópica	3
Privada	2

Tabela 7: Alunos que recebem comentários sobre conteúdo e forma dos trabalhos

5.1.4. PROCESSO DE ENSINO DE REFERENCIAÇÃO

O ato de referenciar um discurso estabelece uma relação direta com a minimização do ato de plágio. Nesse sentido, interessava-nos saber se os professores participantes da pesquisa ensinam aos seus alunos, cotidianamente, os meandros técnicos da construção de referências. Assim, partindo de questionamentos do tipo *O(A) senhor(a) tem trabalhado em sala de aula com seus alunos os processos de referenciação?*, podemos dizer que as respostas dos professores não nos dão base para afirmações contundentes, uma vez que dos nove entrevistados, seis declaram ensinar como fazer uma referência e três respostas se dividem entre designar a função a terceiros e não ensinar.

Desse modo, o que é possível evidenciar é que há professores que deixam a cargo de colegas – que ministram disciplinas específicas de pesquisa, ou metodologia do trabalho científico – o ensino dos mecanismos de referência, ou ainda que o processo não é praticado cotidianamente em sala de aula, uma vez que há o entendimento de que é função das disciplinas específicas lidar com esse problema.

Processo de referência	
N=9	
Professor ensina	6
Professor designa a função a terceiros	2
Professor não ensina	1

Tabela 8: Processo de referência.

5.1.5. ORIENTAÇÕES SOBRE PLÁGIO

Com relação a receberem ou não orientações sobre o que é o plágio e o que o configura, obtivemos respostas que demonstram dubiedade, não esclarecendo se os licenciandos recebem ou não as devidas orientações. Embora haja 16 ocorrências afirmando o não recebimento de informações, o somatório de *Recebe do professor* e *Recebe alguma informação* contabilizam treze respostas, praticamente o mesmo número de licenciandos para o *Não recebimento de orientações*. Dessa forma os dados não respondem ao questionamento proposto, sendo necessária outra forma de aferição para uma afirmação mais precisa.

Orientações sobre plágio / N=30	
Não recebe	16
Recebe do professor	9
Recebe alguma informação	4
Não se lembra	2
Recebe da universidade	0

Tabela 9: Orientações sobre plágio.

No entanto, é pertinente notar que nenhuma ocorrência evidencia que os licenciandos tenham recebido por parte dos órgãos superiores das universidades informações sobre o plágio, fato este que se ilustra através das falas abaixo:

PESQUISADOR: Em sua Universidade os seus professores já te deram alguma orientação sobre plágio?

ALLINE: *Não. Muitos alunos saem da faculdade desconhecendo isso. Eu aprendi porque entrei na área da pesquisa.* Quem não passa por esse funil, sai da faculdade sem saber e raramente apresenta trabalhos acadêmicos.

BIA: *Não. Ninguém falou nada.* Nunca tocaram neste assunto.

CAROL: Já, uma *professora avisou que é necessário ter muito cuidado com citações e normas pra evitar acusações de plágio*, já que é uma linha bem tênue entre o plágio e algumas maneiras de citar/parafrasear.

5.1.6. CONHECE ORIENTAÇÕES INSTITUCIONAIS

Partindo da hipótese de que os licenciandos desconhecem as orientações sobre plágio formuladas pelas universidades, quando estas existem, perguntamos aos estudantes: *Você tem conhecimento de algum documento, cartilha, ou link no site da sua universidade que ofereça aos alunos orientação sobre o plágio?* Como respostas, dos 30 licenciandos participantes, 16 responderam desconhecer tais orientações. Este resultado corrobora a hipótese levantada no item anterior, de que os alunos desconhecem orientações institucionais sobre plágio. Essas respostas foram seguidas por outras treze que indicam que os sites das universidades participantes desta investigação, quando possuem algum tipo de instrução, esta se

relaciona com procedimentos para realização dos trabalhos em nível de formatação e regras da ABNT³⁵, porém, nada trazem acerca de plágio.

Conhece orientações institucionais/licenciandos	
N=30	
Não conhece	28
Não tem certeza	2
Conhece	0

Tabela 10: Conhece orientações institucionais.

Chama atenção o fato de nenhum licenciando declarar conhecer as orientações institucionais sobre plágio, o que pode ser aferido nas falas espontâneas como as que apresentamos na sequência:

PESQUISADOR: Uhum... É... Você tem conhecimento de alguma cartilha, algum documento, algum link no site da sua universidade que deem instruções aos alunos acerca de plágio?

OLGA: *eu sei que no site há um lugar com informações sobre como fazer um trabalho acadêmico, não sei se há instruções acerca do plágio*, mas acredito que sim.

JOAQUIM: *Olha, não tenho. Não tenho...* pra ser sincero, completamente sincero, o site da [nome da universidade] ele é mui... o site mesmo... geral, ele é muito grande e amplo e assim... as coisas são um pouco confusas. E *o site específico pros alunos, eles tão, ele tá muito focado em relação a disciplinas... notas e horários e... processos acadêmicos*. Então, assim, é... eu... é possível até que tenha. *Eu não posso te afirmar que não tem. Eu sinceramente nunca fui a fundo procurar. Eu acredito que tenha. Deve existir alguma coisa com relação à conduta de alunos...* e... algum ponto sim. *Mas eu não tenho conhecimento.*

É relevante ressaltar que após pesquisar os sites das universidades envolvidas em nossa empiria, as informações disponibilizadas pelos sites, de fato, apresentam modelos de formatação dos trabalhos, mas não há comentários sobre ética, moral, ou integridade na construção das pesquisas. No levantamento geral desta busca por links, cartilhas, ou documentos sobre plágio e integridade acadêmica, obtivemos os seguintes resultados:

- a) apenas uma das universidades de cunho confessional apresentava em sua página inicial um quadro com orientações específicas sobre o

³⁵ ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

plágio. Contudo, nem os alunos, nem os professores dessa universidade haviam tido contato com tais informações. Declarando que *não conheciam* ou, ainda, *deve haver, mas nunca conferi*. Nas demais, encontramos links com orientações para a construção do texto de pesquisa, mas nenhum aporte acerca de integridade acadêmica ou plágio.

- b) uma das universidades públicas participantes possui uma cartilha detalhada acerca do que vem a ser o plágio, suas configurações e dicas para evitá-lo. No entanto, os alunos entrevistados pertencentes a esta universidade desconheciam o fato, ao contrário dos professores, que declaram conhecer e reforçaram a ideia de que a universidade tem uma preocupação com a questão do plágio. Uma segunda universidade pública apresentava manuais de redação segundo as normas da ABNT.
- c) nas universidades privadas, o que conseguimos evidenciar foram manuais *online* com dicas de como redigir uma monografia seguindo as regras da ABNT.

5.2. OCORRÊNCIAS DE PLÁGIO

Neste item abordaremos os resultados referentes às ocorrências de plágio. Duas foram as situações consideradas: *o plágio declarado* pelos licenciandos e *o plágio não intencional*, quando o estudante o comete por lapso, por desconhecimento do que o configura, sem o intuito de obter vantagens ou de ludibriar seus professores ou os leitores de seus trabalhos. Para facilitar o entendimento, as duas formas de plágio serão apresentadas em itens distintos.

5.2.1. DECLARAÇÃO DE PLÁGIO

Conforme exposto anteriormente, acerca da ocorrência de plágio, duas situações foram consideradas. Desse modo, neste item, apresentamos os resultados acerca da ocorrência do ato ilícito, quando o mesmo é declarado pelos licenciandos. Percebemos que dos trinta entrevistados, nove declaram ter realizado plágio em algum momento de sua graduação.

Para maior clareza na leitura dos dados, lembramos que para cada tipo de instituição, entrevistamos 10 licenciandos: 5 em caráter presencial e 5 via FCS.

A partir da questão *Você já plagiou*, obtivemos os resultados apresentados na tabela abaixo:

LICENCIANDOS QUE DECLARAM PLAGIAR NA UNIVERSIDADE			TOTAL
UNIVERSIDADE	TIPO DE ENTREVISTA		
	PRESENCIAL	FSM	
Pública	3	1	4
Privada	1	3	4
Filantrópica	0	1	1

Tabela 11: Declaração de plágio na universidade

Como ilustração da forma que plágio foi declarado, apresentamos uma das respostas mais instigantes encontradas na empiria:

ALMÔNDEGA: É... foi... basicamente foi, *é... o que eu mais plagiei foi é... o que... o... que eu na faculdade plagiei foi de uma matéria: avaliação.* É muito... até... chega a ser... o professor o semestre todo falou sobre... contra... que é contra avaliação, que... não ia passar avaliação nenhuma e, no final do semestre, *“Toma! Esse é o tema! Semana que vem você me entrega, tá?” A turma toda desesperada. Semana que vem... plágio! Chego, copio do computador e colo. Entendeu?* É... aí é zero! *Então eu vou fazer de novo. Refiz três vezes: zero! E é um professor recém-formado. Que não entende que em uma semana a gente não vai conseguir fazer.* Porque a direção pediu pra ele, a direção, ou a secretaria, sei lá, pediu pra ele que ele tinha que ter algum tipo de avaliação. *Então quer dizer... a pessoa se propõe a negar tudo isso e ainda passa uma... uma... um trabalho pra uma semana. E depois não quer que a gente plagie?* Em uma semana eu não vou poder... conseguir produzir é... essa teoria toda, essa é... reflexão toda e até procurar em livros, porque não é fácil procurar em livros. *Aí eu plagiei. Eu copiei da internet e coloquei do jeito que eu achei melhor.* Não é uma coisa que é... que eu... goste de fazer. Mas também é... no mesmo semestre que têm várias matérias que não têm nada a ver com avaliação, eu tenho uma matéria, avaliação, e tenho (incompreensível) que fazer um trabalho sobre avaliação que o professor fala contra a avaliação. Eu acho muito estranho, assim... entendeu?

É importante ressaltar que a mesma quantidade de declarações de plágio foram encontradas entre as universidades públicas e privadas. Dos quatro licenciandos de universidade pública que declararam plágio, três o fazem através de entrevista presencial e um através de entrevista *online*. O oposto ocorre quando observamos os dados referentes aos licenciandos de universidades particulares, dos quais um declara plágio em entrevista presencial e três via entrevista por FCS.

O modo de entrevista, neste caso, não interferiu na qualidade da produção dos dados. É, portanto, importante lembrar que os entrevistados para esta pesquisa não foram selecionados de modo aleatório e, dessa forma, não podemos concluir que realmente não há diferenças entre as universidades no que condiz ao ato de plagiar.

5.2.2. PLÁGIO NÃO INTENCIONAL, OU ACIDENTAL

Com relação ao que chamamos de plágio não intencional, e com base no questionamento *Você acha que já cometeu plágio sem saber que estava, de fato, plagiando?*, organizamos uma tabela que sintetiza os dados produzidos:

Licenciandos que plágiam não intencionalmente N=9			Total
Universidade	Tipo de entrevista		
	Presencial	FSM	
Pública	1	1	2
Privada	2	0	2
Filantrópica	4	1	5

Tabela 12: Ocorrência de plágio acidental

Como se pode observar, 9 licenciandos declaram que podem ter cometido plágio sem intencionalidade. Para tal, os motivos declarados para o ato não intencional giram em torno de possíveis lapsos, desconhecimento do conceito, ou outro motivo, alheio a qualquer má fé.

O exemplo abaixo retrata uma das circunstâncias em que o plágio não intencional se configura. A licencianda em foco não sabia se o fato de utilizar, em seu trabalho, uma ideia já existente configuraria plágio. Os licenciandos, durante as entrevistas, demonstraram dificuldade na identificação de ideias que são de domínio público e daquelas que necessitam ser referenciadas.

PESQUISADOR: Já cometeu plágio sem saber que estava, de fato, plagiando?

CAROL: *acho que só quando usei uma ideia sem fazer referência, mas foi de uma forma bem geral que usei a ideia, então acho que se isso for plágio, já plagiei sem saber sim.*

5.2.3. RELAÇÃO ENTRE ORIENTAÇÃO DE PESQUISA E PLÁGIO.

Considerando para esta descrição os licenciandos que declararam ter plagiado e os que cometeram plágio de modo não intencional, buscamos responder ao questionamento: *Alunos que cometem plágio têm recebido orientações sobre os processos de preparação, elaboração e construção dos trabalhos de pesquisa por parte dos professores?* Para tal, lançamos aos entrevistados o questionamento: *Seus professores de sala de aula ensinam o passo-a-passo do processo de construção de um trabalho de pesquisa?* A tabela abaixo resume os dados produzidos:

Relação entre plágio e orientação de pesquisa sob a perspectiva dos licenciandos que cometem plágio declarado ou não intencionalmente N=18	
Ação	Respostas
Professor não ensina pesquisa	10
Professor ensina em disciplinas específicas	8
Licenciando aprende por outros Meios	4
Professor ensina Pesquisa	1

Tabela 13: Relação entre plágio e orientação de pesquisas

Destes dados, é preciso evidenciar alguns pontos. Primeiramente, o fato de que dos dezoito entrevistados, dez apontam que os professores não têm ensinado pesquisa. Em seguida, percebemos que oito licenciandos disseram aprender pesquisa em disciplinas específicas. Estas são oferecidas ou muito no início dos cursos, ou já por volta do 5º ou 6º períodos. Assim, quando essas disciplinas são oferecidas logo no início da graduação, os licenciandos deixam, nos períodos seguintes, de manter um contato com as normas e preceitos éticos necessários a um processo de pesquisa, uma vez que os professores de períodos seguintes, por

acreditarem que seus alunos possuem conhecimento prévio do que seja o fazer acadêmico relativo à pesquisa, deixam de retomar as informações, abrindo, de certo modo, espaço para a construção do plágio. Quando as disciplinas específicas de pesquisa são oferecidas em períodos já adiantados, como o 5º ou 6º, o espaço entre primeiro e quinto – ou sexto período – fica aberto e livre para a realização do plágio.

É interessante também notar que aprender por outros meios, que não sejam aulas regulares ou disciplinas específicas, é uma ocorrência que ocupa local de destaque entre as três mais relevantes, de acordo com a tabela acima. Estes licenciandos aprendem através de grupos de pesquisa, onde recebem maior atenção do professor orientador e, dessa forma, destacam-se em relação aos seus pares no que concerne ao conhecimento das normas do fazer investigativo. No entanto, em sala de aula, onde deveria ocorrer a explicação, de acordo com os dados, as ações docentes deixam a desejar.

Acerca das dez ocorrências declarando que os professores não ensinam pesquisa, é preciso entender que, neste caso específico, os licenciandos estão levando em consideração professores de disciplinas regulares e não as específicas de Metodologia do Trabalho Científico, Pesquisa Acadêmica, ou afins.

CAMILA: *Eu acho que isso não é muito bem orientado.* Assim, né?, eu acho que a gente tem que ler e... geralmente tem uma questão principal que você tem que responder, ou que você mesmo constrói... né? *Você mesmo constrói uma pergunta e vai responder aquele tema... Eu acho que isso é uma coisa que a gente aprende mais fazendo.* É... eu vejo que desde que eu entrei na faculdade *a qualidade dos meus trabalhos melhoraram, mas por causa da experiência. Não por orientação. Eu me sinto um pouco desorientada nesse sentido.*

JOAQUIM: Nós temos três metodologias quali..., três metodologias quantitativas obrigatórias e duas metodologias qualitativas obrigatórias. Mais as eletivas que são oferecidas, assim, de vez em quando. Esse semestre eu to fazendo uma obrigatória de... de... Métodos Quantitativos e duas eletivas de métodos qualitativos, em Antropologia. *Então... tem, a gente tem bastante... mas assim, é muito voltado pra... assim... é Metodologia do Estudo Científico... é muito voltado pra coleta de dados.*

CAROLINA: E eu acho que a gente aprende a fazer pesquisa nas pesquisas, né? Porque geralmente quando a gente é aluno de Ciências Sociais a gente acaba em algum período entrando na pesquisa. *Eu entrei em 2009. Nove, dez, onze... eu to há quatro anos nessa pesquisa. Então, na pesquisa eu acho também que você aprende muito a fazer pesquisa. Quando você, né?, não só na sala de aula, com as aulas sobre pesquisa, mas na prática, fazendo pesquisa também.*

A pretexto de se contrastar as informações acima apresentadas, elaboramos uma tabela com os dados produzidos a partir das falas dos professores com as ocorrências acerca da orientação dos trabalhos de pesquisa.

Orientação de trabalhos de pesquisa sob a perspectiva dos professores	
N=9	
Orienta conteúdo	6
Orienta pesquisas	5
Orienta formato	5
Indica fontes	4
Deixa a orientação a cargo de disciplinas específicas de pesquisa	1
Não orienta pesquisa na graduação	1

Tabela 14: Orientação de trabalhos de pesquisa sob a ótica dos professores

Notamos que são difusas as respostas. Os exemplos abaixo apresentam distintas concepções acerca do fato de orientar pesquisas sob a perspectiva dos professores entrevistados:

BEIJA-FLOR: *Toda quarta-feira eu tô lá... com meu computadorzinho aberto, cada um senta, a gente faz, eu salvo no computador e mando pra eles por e-mail. Aí (incompreensível) pra não ter que cada um levar o seu. Porque assim eu fico com o material em arquivo e mando pra eles. E a ideia é essa: vamos trabalhando juntos e tal. E aí eles vão trazendo as dificuldades: “Beija-Flor, olha, achei esse texto... tá muito difícil... o que é que você acha e tal...”! E aí é essa complicação, né? Então, esses últimos dias que vão se aproximando da entrega, aí é um tal de aparecer... tanto que nessa última correção eu mandei e-mail pra eles dizendo: “Olha, não estou mais verificando os últimos”, né? Já eram oito horas da noite de domingo. Eu disse: “Não estou mais verificando se é cópia, né? É... só vou fazer isso agora no dia da entrega. Dia seis. Se for copiado, zero”!*

ANA TERRA: *A gente tem que mostrar para eles as normas da ABNT, como que eles têm que fazer. Muitos não sabem nem quais são os espaços, não sabem como colocar o nome do autor em caixa alta, o ano, aí você tem que ir passo a passo com ele. Pelo menos aqui, com o nosso aluno, quando você fala em trabalho monográfico, trabalho acadêmico, artigo científico, eles já ficam assim: “Mas o que... que é isso”?*

GUSTAVO: *Não. Não. Não faço porque é... geralmente eles têm uma disciplina que é Pesquisa Educacional, no qual eles deveriam aprender a fazer isso e, também, vou pressupondo que eles vão aprendendo isso na própria leitura dos textos, né? Conforme ele vai lendo o texto acadêmico e ele vai vendo como que o autor que ele tá lendo, estudando, cita outros autores, porque em geral os autores citam outros autores, eu acredito que ele vá aprendendo um pouco.*

Notamos que há um mesmo número de ocorrências entre orientar pesquisas e orientar a formatação de pesquisas, o que sugere que há professores que entendem que adequação às normas da ABNT define um fazer investigativo. É considerável também o número de ocorrências acerca de indicação de fontes entendidas como orientação de pesquisa.

Embora tenhamos seis ocorrências de orientação de conteúdo, não podemos garantir que ensinar, ou orientar, meramente conteúdo seja um movimento profícuo para o fazer investigativo.

5.3. JUSTIFICATIVAS PARA O PLÁGIO

Neste item apresentamos as justificativas que licenciandos e professores dão para a realização do plágio. A quem os alunos atribuem suas ações? Como os professores justificam o plágio de seus alunos? Que relações de entendimento do conceito estão em voga? Tentaremos, a partir dos dados de pesquisa, responder a esses questionamentos nos subitens que se seguem.

5.3.1. JUSTIFICATIVA DOS PROFESSORES PARA O PLÁGIO DOS LICENCIANDOS

Para respondermos a essa questão, partimos da hipótese de que os professores não apostam apenas na trapaça como justificativa para o plágio dos licenciandos. Tal hipótese se confirma, uma vez que a maior incidência de justificativas dadas pelos professores para o plágio dos seus alunos foi o desconhecimento dos elementos que configuram plágio, seguido da dificuldade de escrita na realização dos trabalhos de pesquisa e a falta de tempo para o cumprimento dos deveres acadêmicos. Estes dados podem ser aferidos na tabela abaixo:

Justificativas dos professores para o plágio dos licenciandos	
N=9	
Desconhece o conceito	4
Dificuldade de escrita	3
Falta de tempo	3
Trapaça	2
Trabalhos inócuos	1

Tabela 15: Justificativa dos professores para o plágio dos licenciandos

Na sequência, aparece a trapaça para obtenção de boas notas, garantido ao licenciando êxito na vida acadêmica, seguida da inocuidade dos trabalhos propostos aos licenciandos – uma única resposta.

Devemos ressaltar, no entanto, que as justificativas dadas pelos professores para o plágio cometido pelos licenciandos se dividem entre desconhecimento do conceito, dificuldade de escrita e falta de tempo para a realização dos trabalhos, sendo mínimas as diferenças, em termos quantitativos, das declarações.

Nos exemplos abaixo, ilustramos como as declarações dos professores justificando o plágio dos licenciandos são diversas tendo, no entanto um ponto convergente a ser destacado: o desconhecimento do que seja plágio e a falta de informação acerca dos meandros que devem reger a construção de um trabalho de pesquisa, desde aspectos formais aos éticos.

ANA TERRA: Não sei se isso é um dado importante pra você, mas a nossa realidade é que *nós trabalhamos com alunos que trabalham o dia todo e vem para a universidade à noite. Esses alunos, eles são classe C, D e agora também tem alguns classe E. E muitas vezes eles não têm tempo e eles vêm do ensino médio sem nenhuma orientação sobre o que é um trabalho acadêmico.* Então, assim... *essa menina ela não é uma pessoa mal caráter não.*

BEIJA-FLOR: Casos eu tenho de tudo enquanto é tipo que você possa imaginar, né? Desde a pessoa que admite que realmente *errou, porque não tinha tempo, né?* Outros porque não tinham é... assumidamente competência pra fazer... *Diziam assim: “Não, professor, não consigo escrever com minhas palavras, não adianta e tal...”, né? É... outros que por incrível... você pode dizer assim: “Não, isso não existe”!, por puro desconhecimento. Eu tive gente que chegou pra mim e disse: “Ué, mas eu não podia copiar”? Claro que não! “Ah, mas eu passei o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto período da faculdade entregando trabalhos copiados da internet e ninguém nunca falou nada!”*

No item seguinte, traçaremos as justificativas dos licenciandos que declaram ter plagiado para a construção do ato ilícito de modo a termos mecanismos de

comparação entre o que de fato os levam a plagiar e aquilo que seus professores pensam ser as reais causas do ato.

5.3.2 JUSTIFICATIVAS APRESENTADAS POR LICENCIANDOS QUE DECLARAM PLAGIAR

Acerca das motivações para o ato de plagiar, dentre os nove licenciandos declaradamente plagiadores na universidade, encontramos as ocorrências listadas na tabela abaixo, cuja maior ocorrência reflete o *desconhecimento* das atitudes que, de fato, configuram plágio; em seguida a *dificuldade* de construir trabalhos de pesquisa e, por fim, percebemos justificativas como falta de *tempo* para a realização das pesquisas e *trapaça* para obtenção de bons resultados, estas com a mesma incidência de ocorrências. A menor ocorrência se deu pelos itens *resposta à conduta do professor*, *trabalhos inócuos* e a *não identificação com o sistema de ensino*, com a mesma frequência de ocorrências, conforme resume a tabela que se segue:

Justificativas dadas por licenciandos que declaram plagiar	
N=9	
Desconhece o conceito	3
Dificuldade de escrita	3
Trapaça	2
Falta de tempo	1
Má conduta do professor	1
Trabalhos inócuos	1
Não se identifica com sistema	1

Tabela 16: Justificativas de plágio por alunos que declaram plagiar

Com relação ao desconhecimento do conceito de plágio e à dificuldade de escrita, percebemos que se tratam das mesmas justificativas que coincidem com as duas mais relevantes realizadas pelos professores para o plágio dos licenciandos. Nos exemplos abaixo, evidenciamos alguns modelos das justificativas de licenciandos mais relevantes para a realização do plágio: desconhecimento do conceito, falta de tempo, dificuldade e trapaça:

CAROLINA: *Talvez eu não soubesse que aquilo ali era errado. E eu não sabia principalmente onde procurar, né? Porque assim, não, não tinham me ensinado ainda como eu fazia o negócio. Eu acho que é mais ou menos por aí. [desconhecimento do conceito]*

MALHOCA: *Acho que é porque eles não tem conhecimento da, da... do que eles querem, da matéria. **Aí eles têm que procurar o que já tá pronto. Fica mais fácil... [dificuldade]***

BINHO: *Porque eu quis encontrar um meio fácil e rápido de terminá-lo. Não queria perder pontuação e **foi um modo mais rápido de obter algo. [falta de tempo / trapaça para obter êxito]***

A partir das justificativas interessou-nos saber que juízos morais apresentavam os licenciandos participantes. Assim, nos itens seguintes é possível aferir como esses futuros professores entendem moralmente o ato de plagiar e como julgam seus pares. Com o propósito de realizar paralelos, analisamos os juízos morais de quem declara plagiar, de quem comete o plágio não intencionalmente e de quem não comete o ato.

5.3.3. PLÁGIO E JUÍZO MORAL DE QUEM DECLARA PLAGIAR

Interrogados sobre o que pensavam acerca do plágio que cometeram, os licenciandos que declararam ter plagiado possuem juízos diversos como mostra a tabela abaixo. É importante perceber que apenas dois dos licenciandos que declaram plagiar se sentem culpados pelo ato cometido. Quatro disseram que, mesmo achando errado, continuam a fazer. Três deixaram de fazer por terem medo de serem flagrados e punidos, mas não por acreditarem ser de má índole o ato em si.

Juízo moral de quem declara plagiar	
N=9	
Faz e acha errado	4
Não faz mais por medo de ser descoberto	3
Faz e se culpa	2
Faz e não se culpa/não acha errado	1

Tabela 17: Juízo moral dos licenciandos que declaram plagiar

Os exemplos abaixo nos permitem observar os tipos de falas referentes ao juízo moral de modo a elucidar o que os dados destacados na tabela propõem.

PESQUISADOR: O que você pensa disso? Assim... em termos morais, éticos... como que isso é para você?

MAGALHÃES: Como eu disse, acho que isso *depende* muito *da relação* que é estabelecida *entre o aluno e o professor. Para o professor que não apareceu e não deu aula, eu não me senti moralmente assim, arrependido por conta disso.* Não! Achei que eu estava fazendo o certo. *Ele não deu aula, eu não faço o trabalho.*

CRIS: Não lembro da minha sensação no momento, mas acho *hoje, considero isso errado e antiético, pois hoje é você que copia e amanhã você pode ser copiado.*

CAROLINA: [...] Se não é, eu coloco ali, às vezes, entre aspas e tal, ou não coloco entre aspas, modifico... as palavras pra não ficar igual, pra não ficar um control C, control V... e modifico as palavras, *mas coloco o nome do autor. Não deixo de colocar... até porque um professor pode corrigir e vai falar: “esse ca... esse... tal pessoa falou isso. Ela tá mudando as palavras”! Né?*

5.3.4. PLAGIADORES ACIDENTAIS APRESENTAM QUE JUÍZOS MORAIS?

Quando os participantes investigados comentem o plágio de maneira não intencional, as ocorrências obtidas corroboram o perfil de um licenciando que não possui, de fato, malícia para cometer um ato de trapaça, uma vez que cinco dos nove entrevistados relatam não plagiar por não acharem o plágio um ato correto.

Juízo moral de quem declara plagiar não intencionalmente	
N=9	
Não faz e acha errado	5
Não faz por medo de ser descoberto	2
Não emite juízo	2

Tabela 18: Juízo moral dos licenciandos que cometem plágio não intencional

5.3.5. JUSTIFICATIVA PARA O PLÁGIO DOS PARES

Para entendermos como os licenciandos justificam o plágio de seus pares, sintetizamos os dados em três blocos: justificativas gerais de todos os licenciandos

que cometem plágio, justificativas dadas pelos licenciandos que declaram plagiar e, por fim, justificativas daqueles que cometem plágio de modo não intencional.

Justificativas dadas por todos os licenciandos que cometem plágio acerca do plágio dos pares / N=18	
Trapaça	8
Preguiça	7
Falta de tempo	4
Desinteresse	3
Dificuldade	4

Tabela 19: Organização geral das justificativas para o plágio

Quando estão no prelo as justificativas dadas pelos licenciandos que declaram plágio sobre o comportamento de seus pares temos as seguintes ocorrências:

Justificativa para plágio dos pares por licenciandos que declaram plagiar N=9	
Preguiça	5
Trapaça	4
Tempo	4
Dificuldade	3
Desinteresse	2
Desconhece o conceito	1

Tabela 20: Relação entre declaração de plágio e julgamento dos pares que plagiam

É importante notar que, ao contrário das justificativas dadas quando o próprio licenciando interrogado comete plágio, ao julgar os pares nenhum dos grupos – plágio declarado ou não intencional – justifica o plágio por desconhecimento do conceito. A preguiça, a trapaça e o tempo são listadas como as justificativas mais recorrentes. Sintetizando, o licenciando que declara plagiar e justifica o próprio plágio como um possível desconhecimento do conceito, uma

dificuldade, ou falta de tempo, não vê os seus pares que plágiam da mesma forma. Estes pares são considerados preguiçosos, trapaceiros, ou licenciandos que não possuem tempo para a realização de seus trabalhos.

Com relação aos alunos que comentem o plágio de modo não intencional, a maior parte das ocorrências diz respeito à trapaça, o que nos leva a entender que estes mesmos alunos que plágiam sem intenção, não acreditam na não intencionalidade do plágio, uma vez que não houve respostas relacionadas ao desconhecimento do que seja plágio. Apenas uma das respostas alude à questão da dificuldade de se fazer um trabalho de pesquisa.

Esses dados podem ser ilustrados na tabela seguinte:

Relação entre plágio não intencional e pares que plágiam	
N=9	
Trapaça	5
Preguiça	2
Desinteresse	1
Dificuldade	1
Tempo	0
Desconhece o conceito	0

Tabela 21: Relação entre plágio não intencional e pares que plágiam

5.4. IDENTIFICANDO O PLÁGIO

Neste bloco de dados serão apresentadas as relações de alunos e professores com o plágio, tipos de plágio mais recorrentes, ações antiplágio e entendimento da problemática no cotidiano acadêmico. Como item inicial, entenderemos como professores têm lidado com os processos de verificação do ato ilícito nos trabalhos de seus licenciandos.

5.4.1. VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO PELOS PROFESSORES

Acerca do fato de os professores verificarem ou não se há ocorrência nos trabalhos dos licenciandos, os dados apontam para o que se ilustra na tabela seguinte:

Verificação de plágio pelos professores / N=9	
Verificam via Google ou outros portais e ferramentas online	6
Não verifica	2
Verifica pela experiência	1

Tabela 22: Verificação de plágio em trabalhos de licenciandos

Notamos que a maioria das ocorrências indicam que o *Google* e outras ferramentas digitais têm sido utilizadas para a detecção do plágio, embora não possamos generalizar os dados, o que denota a necessidade de um estudo mais abrangente para uma elucidação maior acerca dos usos de *softwares* detectores de plágio.

EDA: Eu joguei no Google mesmo... é... no tradicional mesmo... no..., se existe outro mecanismo eu não sei (risos). Mas era o que eu fazia também na época do TCC, né?

SENUN: Ela pode até passar com dez. Plagiou lá, foi na internet, copiou um cara... porque eu também não vou pegar todo um texto e colocar lá na internet, digitar no Google e ver o quê que... né? A gente não tem tempo pra isso! E nem tem que fazer isso! O papel do professor é de formador, não é de polícia! Né? Nós somos formadores, não somos polícia. Então, acho que é... eu sou tranquila em relação a isso. Agora, é... eu digo pros meus alunos: (trecho incompreensível) eu digo pros meus alunos, “olha só, se vocês fizerem isso, pode ser que vocês tirem um dez na prova. Não posso controlar isso o tempo todo. Agora, o peso disso virá mais tarde.

Interessava-nos saber os porquês de alguns professores não realizarem a verificação do plágio nos trabalhos de pesquisa. Dos motivos apresentados pelos três professores que não realizam a verificação, obtivemos duas ocorrências referentes ao fato de que *professor deve educar e não policiar*, uma ocorrência referente ao fato de *o professor não ter tempo hábil para aferição de plágio* e uma ocorrência referente à *não verificação dos trabalhos uma vez que os plágios detectados não são provenientes de internet*.

5.4.2. PROFESSORES E TRABALHOS PLAGIADOS

Respondendo a questionamentos que buscavam aferir se os professores entrevistados *havam recebido dos seus alunos trabalhos plagiados ou se, ao menos, conheciam algum caso de plágio ocorrido no cotidiano de seus colegas de magistério*, as respostas como as dos exemplos abaixo, nos mostram que todos os participantes, de modo direto – recebendo dos alunos trabalhos plagiados – ou indireto – conhecendo histórias de plágio detectado por seus pares – tiveram contato com algum caso de plágio.

PESQUISADOR: Professor, é... o senhor poderia me relatar alguma situação em que tenha recebido trabalho plagiado?

GUSTAVO: É... Sim... são... foram várias situações. É... Você quer uma, quer várias?

PESQUISADOR: Na sua vivência, trabalhando com alunos de universidade, o senhor tem algum caso que poderia me relatar de trabalho plagiado?

BEIJA-FLOR: (Sorri) Eu tenho isso todo dia, praticamente, quer dizer é... eu trabalho com orientação de monografia.

A tabela abaixo resume os dados referentes ao tema proposto neste item da dissertação.

Relação de professores com trabalhos plagiados	
N=9	
Teve contato	8
Conhece histórias, mas nunca flagrou	1
Não teve contato	0

Tabela 23: Contato dos professores com o plágio

Com base no que expusemos anteriormente, mesmo não podendo generalizar, os dados obtidos por nossa empiria indicam que pode haver um grande número de trabalhos sendo plagiados. Todavia, para uma afirmação contundente, necessitaríamos de uma pesquisa focada na quantificação.

5.5. FORMAS DE PLÁGIO IDENTIFICADAS PELOS PROFESSORES

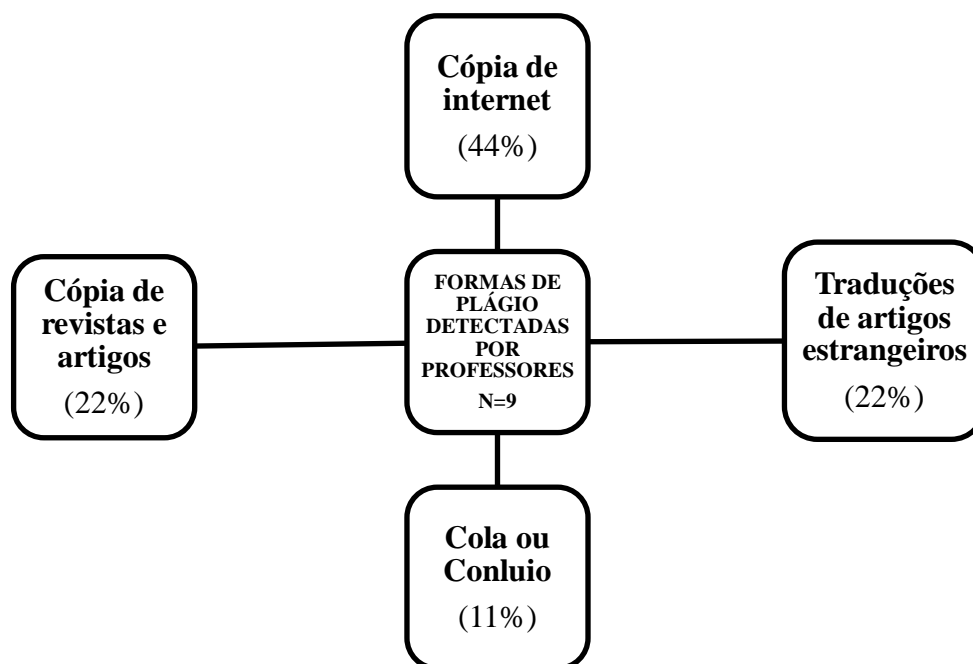
A pretexto de compreender que formas de plágio têm sido detectadas pelos professores entrevistados, perguntamos: *que espécie de plágio tem sido mais recorrente nos trabalhos recebidos dos alunos*. Algumas das respostas giram em torno de:

GUSTAVO: Então, o que acontece é que *eles copiam é... do mesmo site*, por exemplo, né? Isso já me aconteceu.

DEMARCO: “Faça um trabalho sobre o tema tal”! Eu geralmente dou uma série de questões e essas geralmente são de comparar. E, recentemente, há uns dois anos atrás, houve exatamente na graduação, *duas alunas apresentaram o mesmo texto. Aí eu chamei e disse: “olha, não pode, esse texto estar absolutamente idêntico”! Elas disseram o seguinte: “Não, professor, realmente é idêntico. Nós trabalhamos juntas. Nós fizemos o trabalho juntas”*. E eu disse: “Tudo bem, vocês podem fazer o trabalho juntas. Quando você faz um trabalho junto, você pega o seu trabalho, pega o seu nome e o da sua colega e me entrega. E digam: ‘Olha, professor, eu fiz... nós fizemos um trabalho juntas’. Aqui são dois trabalhos, com assinaturas, né?, diferentes e com mesmo texto. Isso é complicado. Fazer junto eu permito, autorizo, acho que é até interessante. “Não, é que a gente estuda junto, troca muitas ideias’. Não, isso não é trocar ideia. Isso é um texto absolutamente igual”.

Desse modo, obtivemos as indicações que constam do diagrama abaixo e que indicam que, de fato, a internet tem sido o meio mais utilizado pelos licenciandos para plagiar, forma esta seguida por cópias de artigos e revistas, traduções de textos de pesquisa estrangeiros e o conluio, no qual o autor considerado plagiado permite que o seu par faça uso de seu texto sem que o professor saiba dessa convivência.

Diagrama 4: Formas de plágio detectadas pelos professores



Ressaltamos que as porcentagens são meramente ilustrativas, de modo que o que deve ser de fato considerado para este estudo é conteúdo e não a quantificação, uma vez que estas não nos permitem fazer afirmações contundentes.

5.5.1. FORMAS DE PLÁGIO MAIS RECORRENTES

De todos os licenciandos entrevistados, que de modo declarado ou não intencional cometem plágio, percebemos que a paráfrase não referenciada e a cópia de material de internet sem as devidas referências são as formas de plágio mais recorrentes, como ilustram os exemplos abaixo:

CAROL: mas já usei ideias que reelaborei e coloquei no meu texto sem fazer referências

BIA: Sei lá. Eu acho que eu pegava o assunto, botava na Internet e a primeira coisa que aparecia eu copiava. Porque era mais cômodo. Depois que eu fui pensando que, ao invés de eu escrever aquilo que estava igual, eu tinha que colocar alguma coisa minha, não é? Porque... Depois eu comecei a achar que começou a ficar desonesto.

Diante de ocorrências com as características acima transcritas, montamos o quadro geral de ocorrências que pode ser visualizado a seguir:

Formas de plágio N=18		
Formas de plágio	Declararam cometer plágio / N=9	Cometem plágio não intencional / N=9
Paráfrase não referenciada	3	6
Cópia da internet sem referência	3	2
Cópia integral sem referência	3	1
Cópia parcial sem referência	2	0

Tabela 24: Formas de plágio

De acordo com as observações dos dados, podemos dizer que dos nove licenciandos que declaram plagiar, as formas de plágio utilizadas estão bem divididas entre paráfrase não referenciada – quando o licenciando usa um pensamento modificando a forma de redigi-lo – cópia de material de internet – quando o plágio se faz a partir de elementos encontrados na *web* – cópia integral sem referência – quando há cópia de um texto na íntegra, sem dar a devida autoria – e cópia parcial não referenciada – quando o licenciando copia um trecho do texto original, transcreve-o e não referencia. Assim, se a tentativa de um plagiário é ludibriar o seu leitor, é cabível que as formas de plágio estejam tão *diluídas*, uma vez que os recursos são aprimorados na tentativa de *camuflar* o ato ilícito. No caso daqueles que cometem o plágio sem intenção, a forma de plágio mais utilizada é a paráfrase não referenciada, com seis das nove respostas. Isso nos leva a considerar o fato de que aquele que não possui a intenção de plagiar, não domina o uso correto de uma paráfrase, não entendendo que a apropriação do discurso de outrem, ainda que com alterações, configura plágio. Ainda neste caso, percebemos que não há variações significativas entre as formas de plágio, o que pode reforçar a ideia da não intencionalidade. Nesta empiria, podemos dizer,

portanto, que o plágio não intencional, por sua vez, se configura a partir de paráfrases sem os devidos créditos aos autores utilizados.

5.5.2. MEDIDAS PARA CONTENÇÃO DO PLÁGIO

Quando interrogados sobre os métodos utilizados para o combate do plágio, cinco estratégias foram apresentadas como as mais utilizadas pelos professores participantes da empiria. Tais medidas estão ilustradas pelo diagrama abaixo, sem uma ordem de importância, uma vez que as respostas se diluem.

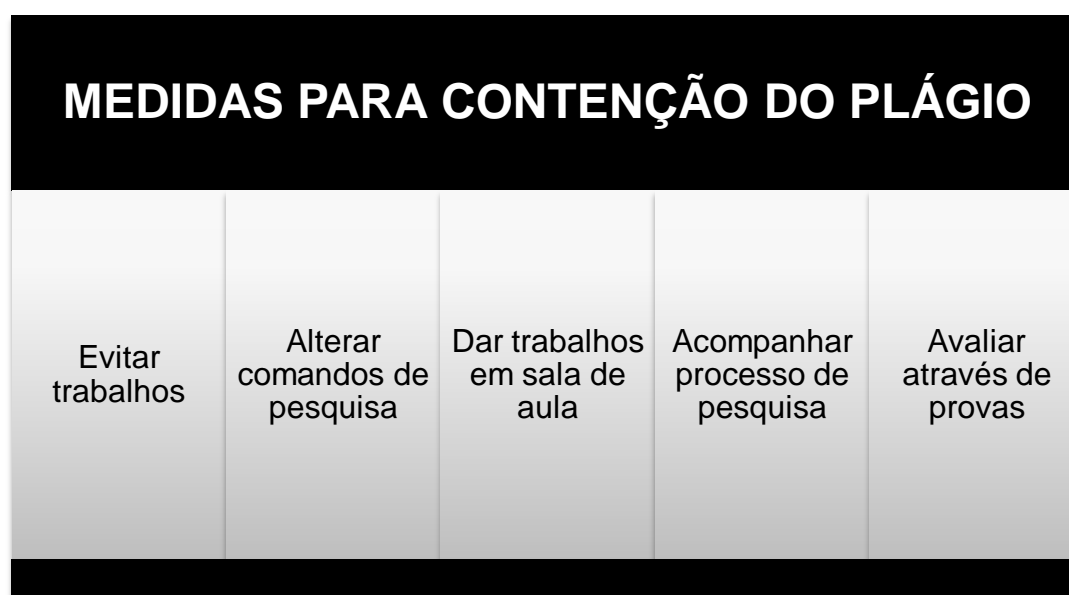


Diagrama 5: Medidas para contenção do plágio

Segundo os professores, modificar a forma de solicitar uma pesquisa dificulta que o conteúdo seja encontrado pronto na internet ou em artigos e livros. Propor que o licenciando opine sobre um tema ou uma teoria, evita que o mesmo busque construções já prontas na internet ou em outras fontes. A título de exemplificação, o professor evitaria pedir: *Faça uma pesquisa sobre o Barroco brasileiro*. Mas pediria: *Elabore, a partir das características dos artistas do barroco brasileiro, um compêndio das obras que lhe são mais significativas no período em questão, apresentando argumentações pertinentes para tal*. Dessa forma o licenciando deveria expor seus conhecimentos assimilados justificando de modo pessoal e autoral suas escolhas dentro do tema abordado.

As provas por sua vez, exigem um conhecimento prévio por parte do aluno e como são realizadas com a presença de um professor, não haveria espaço para o ato de plágio, a não ser que se considere a cola ou o conluio como tal.

Já o acompanhamento sistemático do processo de pesquisa permite que o professor conheça a escrita do licenciando e as etapas por ele realizadas, fazendo com que plagiar se torne uma ação mais complexa.

Os trabalhos realizados em sala de aula também têm se tornado uma opção antiplágio, uma vez que o aluno, dentro da proposta de trabalho, é estimulado a autorar, sob a observação do professor que, *in loco*, pode auxiliar no processo de construção do texto.

Por fim, e de modo mais radical, a pretexto de impedir o plágio, evitar propor pesquisas como trabalhos avaliativos também tem sido uma medida aplicada pelos professores, o que, a nosso ver, retira do licenciando a oportunidade de compreender os caminhos da atividade investigativa, bem como faz com que o mesmo deixe de conhecer estratégias de busca pelo conhecimento através da pesquisa.

5.6.

QUE CONDUTAS POSSUEM OS PROFESSORES COM OS CASOS DE PLÁGIO?

Acerca das condutas relacionadas aos casos de plágio descobertos, as falas dos professores participantes da investigação apontaram para:

Conduta dos professores em relação aos licenciandos que plágiam	
N=9	
Pede que o licenciando refaça o trabalho	4
Lança nota zero	2
Encaminha a outros setores da universidade	2
Instrui o licenciando	1
Reprova	1

Tabela 25: Condutas do professor em relação ao licenciando que plagia

Assim, a partir dos dados acima apresentados, é possível dizer que não há consistência nas medidas tomadas perante o plágio, sendo necessário outro estudo de maior abrangência para aferição das condutas tomadas por professores em relação aos casos detectados. No entanto, percebemos que houve apenas uma ocorrência de reprovação do aluno pego em situação de plágio.

5.7. CONCEPÇÕES DE PLÁGIO

Neste item, apresentaremos o entendimento de professores e licenciandos acerca do conceito de plágio.

5.7.1. CONCEPÇÕES DE PLÁGIO DE PROFESSORES E LICENCIANDOS

Através do desmembramento da família de códigos denominada Conceito de plágio, elaboramos tabelas em *Excel* que nos permitiram compreender que concepções de plágio possuem professores e alunos de cursos de licenciaturas.

Tendo como ponto de partida a pergunta *O que é o plágio para você?*, observamos uma variedade nas respostas listadas na tabela abaixo:

Concepções de plágio para licenciandos	
N=30	
Conceituação	Respostas
Cópia integral sem referência	21
Roubo / Ético	10
Cópia parcial sem referência	4
Cópia de ideias	2
Crime	2
Paráfrase sem referência	1
Cópia de palavras	1
Cópia descoberta	1
Resposta indefinida	1
Trapaça	0

Tabela 26: Concepções de plágio para os licenciandos

Nos trechos abaixo é possível perceber menções a algumas das menções constantes no quadro anterior e que giram em torno de:

BIA: É uma *cópia indevida, não é?* Eu acho que é você *se apossar de uma coisa que não é sua, um pensamento que não é seu*. Então você acaba *tirando a identidade*, não é? Porque você já está vivendo de cópias, então... *você fica sem identidade*. O que é... quando você for falar a verdade, o que é a verdade? Você *não vai ter uma verdade absoluta* se você copia tudo a toda hora.

PAULA: [. . .] copiar com todas as letras e pingos exatamente o que está escrito.

ANA: Sempre tive muito medo disso, até porque aconteceu no ano passado um conflito numa aula de filosofia, aquilo serviu de lição para todos. *Hoje tanto alunos, tanto professores sabem que utilizar frases, parágrafos de outro autor é crime* [...]

Partindo do mesmo questionamento feito aos licenciandos, os professores participantes da pesquisa também deram como respostas definições semelhantes:

Concepções de plágio para professores	
N=9	
Conceituação	Respostas
Roubo / ético	5
Cópia integral sem referência	4
Crime	2
Trapaça	2
Cópia parcial sem referência	1
Cópia de ideias	1

Tabela 27: Concepções de plágio para professores

Os exemplos listados abaixo denotam que, assim como para os licenciandos, as definições são múltiplas, o que nos permite dizer que é difusa a conceituação do plágio e, às vezes, em uma única definição, várias outras estão correlacionadas:

DEMARCO: Plágio é você *copiar um texto*, ou *copiar a ideia de um autor*, mesmo muito próxima desse autor e colocá-las em seu nome, né? colocar o seu nome em um... texto, ou em termo de ideias, que sejam antes formuladas por outra pessoa. Fazer isso de *forma consciente e deliberada* para com isso tirar alguma vantagem, uma boa nota, impressionar bem o professor, seja lá o que for, E, de fato, é um *crime federal*, se tirando

desse ponto de vista, é um crime federal, tá aí previsto na legislação e... direitos autorais, etc e etc...

ANASTÁCIA: Então, a grosso modo, a grosso modo eu diria que *plágio é o texto de outro, e por texto entenda-se qualquer coisa, é o texto de outro que é apropriado por um sujeito sem sofrer nenhum processo... de... de, de, de transformação. Seja pela reflexão, seja pelo comentário*. E... isso não significa apenas “foi citado, não foi citado”. Porque *mesmo citando ele pode estar plagiando, se não é capaz de... de... de distinguir muito bem o texto do próprio, a intenção do outro da... da... da intenção dele, né?*, e... não é capaz de criar um trabalho original. O que é o trabalho original? É o trabalho que tem uma origem no sujeito que escreve. Ou seja, que é fruto do que este sujeito está pensando sobre. Ele pode estar pensando sobre algo que já cansou de ser pensado, mas mesmo o modo como ele mastiga aquilo que já está posto, torna o que está posto uma outra coisa. Senão, pra que precisaríamos da Filosofia? Pra quê alguém estudaria filosofia antiga hoje, se ela está posta?

ANA TERRA: É... Eu acho que é *quando o aluno, ele pega um texto e copia do autor, palavra por palavra. Ele não parafraseia, né? Ele bota com as próprias palavras do autor e aí você não vê nada dele né?, autoria dele*. Porque *quando parafraseia eu acho que você ainda encontra a autoria do aluno*, mas tem uns... não... que copiam mesmo, sem colocar aspas, como se fosse dele mesmo o texto. Eu acho que isso é plágio.

No entanto, é importante observar que, ainda que exista uma diversidade de definições declaradas, o que denota o caráter difuso e complexo do conceito, os dois primeiros itens de cada tabela – *Roubo do ponto de vista ético ou Cópia integral sem referência* – se destacam, apontando que, de modo geral em nossa empiria e com nossos entrevistados, houve certa convergência nas definições.

5.7.2. CONTRASTE DAS CONCEPÇÕES DE PLÁGIO ENTRE LICENCIANDOS DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS, PRIVADAS E CONFESSIONAIS

A título de comparação, listamos abaixo os resultados obtidos a partir do confronto das respostas dadas pelos licenciandos dos três tipos de universidades envolvidas na pesquisa.

Na organização dos dados abaixo, é possível notar o fato de que a maior incidência de respostas aponta ser o plágio a cópia integral sem referência, havendo um consenso entre o número de respostas dos três tipos de universidades.

Dez respostas indicam que plágio é uma forma de roubo ou apropriação de obra de outrem, sob o ponto de vista ético. Dessas dez respostas, sete foram dadas por alunos de universidades filantrópicas. Quatro respostas definiram o plágio como a cópia parcial sem referência, sendo que três dessas quatro são, majoritariamente, das universidades privadas.

Nenhum aluno de universidade pública conceituou plágio como crime e apenas um aluno de universidade filantrópica relacionou paráfrase a plágio. Ou seja, a paráfrase é praticamente diluída como conceito de plágio, sendo a mesma, no entanto, a forma de plágio mais usual entre os licenciandos que cometem o ato de modo não intencional, o que mais uma vez nos leva a crer que, de fato, há quem desconheça o conceito e o que configura o plágio.

Concepções de plágio por licenciandos dos três tipos de universidades				
N=30				
Conceito	Pública	Privada	Filantrópica	Total
Cópia integral sem Referência	6	9	7	22
Roubo/apropriação ponto de vista ético	2	1	7	10
Cópia parcial sem Referência	0	3	1	4
Crime	0	1	1	2
Cópia de ideias	2	0	0	2
Paráfrase sem referência	0	0	1	1
Resposta indefinida	1	0	0	1
Cópia de palavras	1	0	0	1
Cópia descoberta	1	0	0	1
Trapaça	0	0	0	0

Tabela 28: Concepções de plágio entre licenciandos de três diferentes tipos de universidade

A partir desta análise, um último ponto que merece ser evidenciado é o fato de que nenhum dos licenciandos participantes relacionou plágio a trapaça. No entanto, houve professores que fizeram essa relação, como se pôde ver no item 5.7.1.

5.8. CONCEITO DE HONESTIDADE

Para elucidação do que os licenciandos compreendem acerca da honestidade acadêmica, os mesmos foram indagados a definir *o que é a honestidade e o que é a desonestidade na realização dos trabalhos de pesquisa acadêmicos*. Falas como as apresentadas a seguir nortearam nossas reflexões e possibilitaram compreender as concepções dos licenciandos sobre o assunto em questão:

E.C.A.: Ser honesto é, de fato, *é fazer o trabalho com ajuda* de colegas, de amigos, *da sua própria busca*, do seu próprio entendimento, buscando ler livros, até na internet, de uma forma honesta, *não plagiando, não copiando*, mas aquelas informações que ele adquiriu, que ele absorveu, e junto com sua própria filosofia *criar algo realmente construtivo para que ele possa fazer o seu trabalho de forma correta, porque nós aprendemos, porque nós tiramos conclusões, nós fazemos um trabalho desde o momento em que nós aprendemos com outras pessoas e com outros professores*. E... e é dessa forma uma forma honesta.

Das ocorrências oriundas de respostas dos licenciandos, obtivemos como definições para honesto: a) não plagiar, citando as fontes de pesquisa ao realizarem seus trabalhos. Este fato nos leva a crer que não há dúvida no entendimento do que é lícito, ilícito, do que constitui a integridade acadêmica e do que é um mau ímpeto no cotidiano de pesquisa nas universidades participantes.

Definições de honestidade para os licenciandos	
N=30	
Não plagia/ cita fontes	24
Esforça-se	9
Respostas indefinidas	2

Tabela 29: Definições de honestidade para licenciandos

Embora a maior parte das respostas tenham correlacionado o ato de citar as fontes, não plagiando, com o conceito de honestidade acadêmica, houve respostas, como a transcrita abaixo, que se referem a outros pormenores da integridade acadêmica em instâncias educacionais universitárias, e esses pormenores também devem ser considerados. No exemplo seguinte, percebemos elos para possíveis discussões sobre o ato de autorar. O licenciando, mesmo acreditando ter o que

falar, ter consistência em suas argumentações, teme redigir para uma banca, ou para professores considerados como sendo hegemônicos.

JOAQUIM: Olha, eu acho que isso aí tá muito além só da questão de plágio, de originalidade. *Ser honesto academicamente é algo bem difícil de se delimitar.* Mas eu acredito que a conduta, que a conduta honesta de um cientista *social é ter respeito ao seu objeto*, estar lidando com metodologias claras, utilizar bibliografias muito... conhecidas e, talvez, não conhecidas, mas que estejam abertas ao público... [...] Porque você... nós sabemos que na academia nós estamos lidando com pessoas a todo momento te avaliando. E nunca se sabe, por exemplo, *se eu for... for... estiver fazendo um... uma prova de mestrado... eu possa talvez não estar concordando com a ideia hegemônica que está naquela banca, sobre determinado assunto. Mas eu vou ter que trair, talvez... não trair as minhas convicções, mas talvez que ter que dizer, concordar com aquilo, não concordando, dado os métodos de avaliação que nós temos hoje.* O que, acredito eu, algum dia melhora. (sorrisos)

Estando na mesma linha fronteira, quando interrogados acerca do conceito de desonestidade, os resultados obtidos são coerentes com o panorama descrito anteriormente. A maior parte das respostas indica que o licenciando correlaciona desonestidade com o plágio, ao não citar as fontes de pesquisa utilizadas para a realização dos trabalhos de pesquisa. O exemplo abaixo, ao contrário da fala de Joaquim, citada anteriormente, denota uma exacerbação do poder autoral. Através da fala da licencianda Camila, percebemos que a professora citada pela estudante se coloca numa posição de domínio de seus dizeres, podendo manejar seus escritos, inclusive repeti-los em artigos distintos.

CAMILA: uma vez que eu peguei um artigo de uma professora... *ela mandou dois artigos pra gente... aí, eu fui ler o artigo e o artigo era igual. Só mudava o primeiro parágrafo e o último.* Eu achei isso uma *picaretagem*, né? *Por que o que ela tá fazendo? Tipo, lá no Currículo Lattes dela, ou quando ela presta contas pra Capes, enfim, ela diz que produziu dois artigos, mas na verdade ela produziu uma coisa só. Eu acho que isso não é honesto, né?* E, enfim, como a gente... tem muitas coisas, né? Honestidade é uma... eu acho que engloba muito, muito mais coisas que o próprio plágio. Mas eu acho que como a gente tá aqui falando de plágio (sorriso) eu acho que você realmente copiar alguma coisa também não é um bom exemplo de honestidade.

Com base nas respostas, construímos a tabela abaixo, na qual se encontram as ocorrências relacionadas às concepções de desonestidade no âmbito da academia, principalmente em relação à construção de trabalhos de pesquisa.

Definições de desonestidade para licenciandos	
N=30	
Plagia/não cita fontes	22
Usa boa fé alheia	4
Não responderam	3
Respostas indefinidas	1

Tabela 30: Definições de desonestidade para licenciandos

5.9. POSSE DE CONTEÚDO DE INTERNET

Interrogados acerca da posse de material consultado na internet, dos 30 licenciandos entrevistados, 17 acreditam que o material de internet pertence a um autor, não podendo ser utilizado de modo aleatório. Em contrapartida, 10 ocorrências indicaram que o material postado na internet é de domínio público. Este resultado indica que ainda é dúbia para os entrevistados a questão da posse do material disponível na *web* para consulta.

Posse de material disponibilizado na internet	
N=30	
Pertence ao autor	17
É de domínio público	10
Não sabe	2
Não respondeu	1

Tabela 31: Posse de material disponibilizado na internet

Os exemplos abaixo servem para ilustrar a presença dessa dubiedade nas respostas, deixando claro que a autoria de material de internet está dividida entre a certeza e a incerteza, mediante as respostas dos licenciandos entrevistados.

CAROLINA: Depende. Eu acho que se... *bom... eu acho que o que tá na internet pertence a todo mundo.* Acho que se tá no mundo virtual e você pode entrar de graça, sem pagar nada, acho que pertence no sentido de que todo mundo pode alcançar aquilo. Todo mundo que tem acesso á internet. *Mas acho que tem os autores daquilo. E aí talvez pertença mais ao autor do que à pessoa (que acessa).* Aí eu não sei te dizer, assim... mas acho que, se tá no mundo virtual pertence a todo mundo no sentido de que todo mundo pode ter alcan... pode pegar aquilo. Mas acredito que tenha sempre um autor, né? E às

vezes está explícito, às vezes não. Se é uma matéria de jornal, às vezes o cara coloca quem é o autor, se é um texto acadêmico ele coloca quem é o autor... e tal... e aí pertence mais àquela pessoa, mas todo... se todo mundo pode ter... *eu nunca pensei sobre isso, mas eu acho que é mais ou menos assim.*

ANA: *Sempre pertencerá a alguém*, alguma pessoa pesquisou, escreveu, gastou seu tempo para preparar o texto. *O que pertence ao mundo é a sua divulgação, a circulação do material*, a internet é um meio de expor seu trabalho, mas *isso não dá o direito de dizer que pertence ao mundo.*

NINA: *O q postam na internet é de um e é de todos... caiu na rede já era!* se multiplica pior q coelhos... kkkkkk³⁶

Buscando aferir a posse de autoria do material de internet através da pergunta *A quem pertence o material de internet?*, entre os 18 licenciandos que cometem plágio – seja de modo não intencional ou de forma declarada – obtivemos certa homogeneidade nas respostas, não nos permitindo dizer que existe certeza por parte dos licenciandos. Apesar de a maioria achar que a posse do material é do autor, conforme mostramos na tabela abaixo, uma boa parte dos licenciandos que cometem plágio, em uma de suas modalidades, vê o material de internet como sendo de domínio público.

Posse de material de internet sob a visão de licenciandos que cometem algum tipo de plágio	
N=18	
Pertence ao autor	10
É de domínio público	6
Não sabe	1
Não respondeu	1

Tabela 32: Posse de material de internet sob a visão dos licenciandos que cometem algum tipo de plágio

³⁶ Há neste exemplo marcas da grafia utilizada em ferramentas de comunicação síncrona – “q” ao invés de “que”.

5.10. AUTOPLÁGIO

Uma das formas de plágio apontadas pela literatura é o autoplágio. Interrogamos os professores acerca do mesmo, a pretexto de entendermos como entendem o conceito. Para tal, lançamos o questionamento: *para você, o que é o autoplágio?* Do mesmo modo que se fizeram difusas as definições para plágio, o conceito de autoplágio também se mostrou controverso. As falas abaixo demonstram o caráter polissêmico que o termo assume:

GUSTAVO: Uhum... Então, eu não considero... *tenho um pouco de dificuldade de considerar isso plágio*. Eu acho que é... o que seria plágio de si mesmo, né?, eu acho que *plágio é quando você*, na minha intenção, na minha percepção, é quando você *copia é... um outro autor sem autorização* daquele outro autor e não cita a fonte. Né?

SENUN: É isso acontece o tempo todo... *eu acho isso muito ruim...* é... é... na verdade, um dia desses, eu tive que dar um parecer sobre um trabalho que ia ser publicado numa revista brasileira e a tese era... o trabalho, a tese não, o artigo, era *simplesmente a pessoa se autocitando, se autocitando, então não tinha nada de original, de novo naquele artigo*.

EDA: É complicado né? Porque, realmente, *eu diria que é a mesma coisa de um aluno, quando um aluno vai e copia*.

Das respostas, organizamos a tabela seguinte com as definições mais significativas:

Definições de autoplágio pelos professores	
N=9	
Considera legítimo	3
Considera errado	3
Considera um engodo	2
Confunde com autorreferência	1

Tabela 33: Definições de autoplágio pelos professores

Percebemos que há uma coincidência de ocorrências entre considerar legítimo o ato de autoplágio e defini-lo como algo errado. Isto nos induz a crer que não há consenso, por parte dos professores, acerca do que seja o autoplágio.

5.10.1. JUSTIFICATIVAS PARA O AUTOPLÁGIO.

Sobre as justificativas dadas pelos professores para o autoplágio encontramos:

Justificativas dos professores para o autoplágio	
N=9	
Tempo/pressão/órgãos de fomento	4
Sem resposta clara	4
Atividade lícita	1

Tabela 34: Justificativas dos professores para o autoplágio

A partir das respostas, podemos observar que, quando os professores se encontram no prelo, tendem a dar justificativas semelhantes às dos licenciandos. No caso do autoplágio, o *tempo* para a realização das diversas atividades acadêmicas e a *pressão exercida pelos órgãos de fomento* à pesquisa justificariam a realização do mesmo, conforme ilustram as falas a seguir transcritas.

ANASTÁCIA: Por outro lado, eu vou te dizer sim! *Existe uma pressão das agências de fomento que fazem com que a gente publique a mesma coisa com dois, três nomes, né?* Isso é um dado de realidade.

DEMARCO: Poucos casos eu encontrei de coisas que você poderia considerar plágio, mas nem é plágio, pode ser é... *eu vi, por exemplo, um autor, um grande autor americano na área de filosofia da linguagem... ele tem um artigo publicado sobre três títulos diferentes.* Em periódico..., em... em... em um livro, num periódico... Então, pode ser um equívoco: deu um título diferente a um mesmo texto, ao mesmo artigo. *Mas... [trecho incompreensível] é dele, foi ele que fez!* Como é que é plágio, autoplágio? *Autoplágio, então, pra mim, pra mim, não existe!*

5.11. CONCEITO DE AUTORIA

Serão apresentadas nessa sessão as definições de autoria elaboradas por licenciandos e professores de licenciatura.

5.11.1 CONCEPÇÕES DE AUTORIA

A partir do questionamento *Para você, o que é ser um autor?* foi possível estabelecer um quadro das concepções de autoria de cada grupo participante:

licenciandos e professores de licenciaturas. Das respostas espontâneas de licenciandos, obtivemos enunciados como os que se seguem:

PAMPAS: *É ser criador. Um autor cria.* Ele cria um texto, uma obra literária, uma piada, um *post* no *facebook*...

MARILENA: Ser autor de um texto... é que às vezes você também fala de uma ideia que já existe. Você pensa que ela não existe e... mas a gente vive numa sociedade, as ideias estão aí, a gente ouve toda hora a televisão, mídia e então ser original é muito complicado, né? É muito assim... apresentar uma ideia nova é... hoje em dia é tudo tão batido já, então é muito complicado. Ser autor? *Ser autor para mim seria falar de um assunto que já existe, mas do seu ponto de vista, o que que você... independente se outra pessoa também acha isso.* É dizer o seu ponto de vista sobre um determinado tema, um assunto. Isso é ser autor. Pra mim.

MAGALHÃES: O que é ser um autor? É...eu acho que é você...*não necessariamente escrever uma coisa original.* Acho que autoria não é... não tem a ver apenas com escrever aquilo que nunca foi escrito antes, *mas de você ter um... de repente se você pegar três autores diferentes, organizar o pensamento, botar o pensamento de um em relação ao outro, acho que você já tá sendo um autor aí, porque você está dando, está dando a sua interpretação àquilo que a pessoa escreveu antes.* Então, acho que é assim, você conseguir produzir uma coisa que não necessariamente precisa ser diferente daquilo que já foi produzido, mas com um olhar de outro ângulo.

Concepções de autoria pelos licenciandos	
N=30	
Autor criador	7
Emitte ponto de vista	5
Autor dialoga	4
Transforma pensamento em palavras	4
Responsável pelo que redige	4
Resposta indefinida	4
Transmissor de saberes	2
Autor/autenticidade	2
Lê e escreve	1
Aquele que assina	1

Tabela 35: Concepção de autoria pelos licenciandos

Notamos na tabela acima que a maior parte das ocorrências das respostas dos licenciandos indica que um autor possui um perfil que engloba características tais como: criador de algo original, emissor de um ponto de vista, aquele que

elabora suas construções autorais através do diálogo com outras vozes, aquele que transforma pensamentos em palavras e aquele que se faz responsável pelos enunciados emitidos.

Com relação às respostas dos professores, temos falas que giram em torno de:

ANASTÁCIA: Então, existe esse processo. *E também, dessa interlocução, muitas vezes eu redijo junto com eles um texto que também faz a junção com os textos deles e acaba sendo um texto nosso. Né? Com um formato acadêmico que eles conseguem, mas ao mesmo tempo conseguem se reconhecer, porque aquilo que tá ali dito, naquele momento, é... é muito meu, é muito íntimo, né?* “Ah, sou eu que me lembro como é que a minha vó fazia as colchas de retalho, como é que a minha vó fazia as colchas, como é que ela colocava e que eu acho que a infância tem a ver com isso... com você receber retalhos de muitos lugares...”. Isso é fala de um aluno. Isso é de uma beleza fantástica.

ANA TERRA: Então eu acho que autoria é isso. É você estar usando uma palavra que a molecadinha usa, é estar antenado e perceber os discursos que circulam, de que forma eles circulam e *você se posicionar frente ao que é colocado, né?*

GUSTAVO: É... boa pergunta! Olha... o autor é aquele que dial... de certa maneira consegue perceber, né?, é... ou *ler determinado tema e registra de maneira original, primeira vez, eu nem sei se nós seríamos autores.* (Sorri). Né?

Se comparado o quadro de licenciandos com as ocorrências provenientes das respostas dos professores para a mesma questão – *Para você, o que é ser um autor?* – percebemos que há coerência nas definições dos dois grupos – licenciandos e professores.

É possível perceber que há quatro declarações que, embora utilizando linguagem diferente, fazem alusão ao conceito.

Concepções de autoria pelos professores	
N=9	
Autor dialoga	4
Autor criador	2
Emite ponto de vista	1
Lê e escreve	1
Aquele que assina	1

Tabela 36: Concepções de autoria pelos professores

5.11.2. RECONHECIMENTO DE AUTORIA PELOS LICENCIANDOS

Acerca do reconhecimento autoral e partindo do questionamento *Você se reconhece autor dos seus trabalhos de pesquisa?*, percebemos que a maior ocorrência de declaração foi assertiva, indicando reconhecimento de autoria. Na sequência, podemos visualizar que há coincidência na ocorrência do reconhecimento autoral relativo, dependendo do comando dado pelo professor, ou dependendo do tema do trabalho realizado pelo aluno.

GULLAR: *Sempre que escrevo me vejo na obrigação de me posicionar diante dos fatos. Quando “vc” pesquisa algo que é do seu próprio interesse é bem mais fácil*, mas quando faz parte de alguma disciplina nem sempre “vc” tem que pesquisar sobre um assunto que lhe interessa. *Sempre procuro buscar opiniões de outros teóricos, ler alguns textos a mais para me basear melhor*, quando se trata de um assunto que não domino tanto, e por aí *tento elaborar meu pensamento, qual se adapta melhor à minha forma de ver aquele fato*, qual está mais próximo da minha experiência ou conhecimento.

GRACINHA: Às vezes... Eu sou assim, *ainda tô muito insegura nessa questão de trabalho... né?* Como eu fiquei muito tempo sem estudar, eu não sei se é isso que influencia nessa atitude, mas *eu sou muito insegura* que eu até peço help! (sorri)

Pelos dados, podemos inferir que os licenciandos que declaram plagiar, possuem um menor reconhecimento autoral se comparados com os licenciandos que plágiam sem intenção. As tabelas abaixo ilustram o conteúdo acima referido:

Declaração de plágio e reconhecimento de autoria	
N=9	
Reconhece-se autor	5
Reconhecimento relativo	2
Não se reconhece autor	2

Tabela 37: Declaração de plágio e reconhecimento de autoria

Plágio não intencional e reconhecimento de autoria	
N=9	
Reconhece-se autor	7
Reconhecimento relativo	1
Não se reconhece autor	1

Tabela 38: Relação entre plágio não intencional e reconhecimento autoral

5.12.

MOTIVOS DECLARADOS POR LICENCIANDOS PARA UTILIZAÇÃO DE CITAÇÕES

Indagados sobre os porquês de citar enunciados de outrem em seus trabalhos acadêmicos, três ocorrências indicam que a citação é realizada pelos licenciandos para *reforçar suas argumentações*, seguidas pela *legitimação de suas vozes autorais* e, por fim, para *demonstrar conhecimento do material pesquisado* para os professores.

CAMILA: Eu acho que a gente usa textos de outros autores primeiro porque assim, no meu lugar de graduanda, né? Eu ainda to aprendendo. Então eu acho *que eu tenho muito que ler, né?, muito... já... já tem muita coisa produzida aí e eu tenho sempre que mostrar de onde eu to partindo*, né? Porque assim, *se a pessoa lê o meu trabalho e de repente ela tem uma dúvida ou se interessa mais por algum tema, então ela vai lá na minha bibliografia... “pô, de onde eu tirei isso?!”* Vai lá, encontra aquele autor e pode ler mais sobre aquilo. Também eu acho que *dá mais crédito*, né? Poxa, eu *não inventei isso, não tirei isso do nada*, eu li, ouvi, *fiz uma pesquisa*, né? Então, eu acho que é... é por isso que a gente precisa usar outros textos de outras pessoas. *Também porque, assim, porque eu acho que todo mundo, né?, dentro da academia precisa tá em contato, né?*

Falas contendo enunciações correspondentes às da citação anterior nortearam a organização das ocorrências que respondem ao questionamento *Que motivos o levam a utilizar citações em seus trabalhos de pesquisa?* Listadas as respostas, construímos a tabela abaixo:

Motivos dados pelos licenciandos para citar	
N=30	
Reforçar argumentação	19
Legitimar voz autoral	10
Mostrar conhecimento	4

Tabela 39: Motivo para citar

Devemos ressaltar o fato de que 19 das respostas conduzem ao entendimento de que as citações do discurso de outrem são realizadas para que se reforce o argumento utilizado nas discussões do trabalho de pesquisa, seguidas por 10 respostas que fazem alusão ao fato de as citações serem feitas para que a voz do autor do trabalho de pesquisa seja legitimada, o que denota que os licenciandos possuem dificuldade de se posicionarem como autores autônomos de seus dizeres.

5.13. PERFIL DE QUEM FAZ E DE QUEM NÃO FAZ PLÁGIO

Partindo das declarações acerca do plágio, traçamos um perfil dos licenciandos que plagiam – de modo declarado ou não intencional – e dos que não plagiam. Através do relatório gerado pelo *software* AtlasTi, obtivemos as ocorrências de códigos que nos permitem dizer que características estabelecem os perfis de cada grupo em análise. Nos itens seguintes apresentamos os resultados referentes aos perfis citados.

5.13.1. PERFIL DOS LICENCIANDOS QUE NEGAM PLAGIAR

Com base nas respostas mais significativas, delineamos o perfil do licenciando que declara não plagiar. Falas como a que se encontra abaixo transcrita ilustra o modo utilizado como negação do ato de plágio:

PESQUISADOR: Você alguma vez já plagiou?

NINA: *Não, nem mesmo nos primeiros trabalhos acadêmicos “q” fiz.* Procurei sempre me informar com os professores, dei cabeçadas mas fui indo, até pq minha irmã que já fazia faculdade antes de mim me contava umas histórias e eu nunca quis “me dar mal” kkkkk

De acordo com a tabela seguinte, são coesas as respostas que traçam o perfil do licenciando que nega o plágio. É preciso, no entanto, atentarmos para o fato de que esses licenciandos desconhecem orientações institucionais acerca do plágio, que a internet é utilizada como uma fonte de buscas e é considerada uma ferramenta facilitadora na construção do plágio. Há conhecimento por parte deste grupo acerca do que configuram atos honestos e desonestos em se tratando da construção do texto de pesquisa. Os outros tópicos abordados estão diluídos, impedindo considerações mais incisivas.

Perfil de quem nega o plágio	
N=21	
Desconhece orientações institucionais sobre plágio	20
Vê a internet como um facilitador do plágio	16
Usa a internet como fonte de busca	15
Define honestidade como sendo não plagiar / citar as fontes	15
Define desonestidade como sendo plagiar / não citar fontes	15
Define plágio como cópia integral sem referência	14
Diz ter plagiado na escola	14
Declara que professor não ensina pesquisa	12
Diz receber do professor orientação sobre plágio	9
Utiliza a internet como primeira fonte de busca	9
Declara não fazer plágio por julgá-lo como sendo errado	8
Faz paráfrases não referenciadas como forma de plagiar (não intencionalmente)	7

Tabela 40: Perfil do licenciando que declara não plagiar

5.13.2. PERFIL DOS LICENCIANDOS QUE DECLARAM PLAGIAR

Quanto aos licenciandos que declaram plagiar, a tabela abaixo resume os dados produzidos a partir das entrevistas, permitindo-nos construir algumas conjecturas que permitem enriquecer o debate acerca de autoria e plágio.

Percebemos que este grupo de licenciandos tem feito uso da internet como ferramenta principal para a construção dos seus trabalhos de pesquisa. Na mesma direção, essa mesma ferramenta tem sido a primeira a ser consultada para o desenvolvimento de uma investigação. Por sua vez, detectamos que no caso declarado de plágio, a internet torna-se um meio facilitador para o ato.

Há, neste grupo, o entendimento de que ser honesto, do ponto de vista acadêmico, é desvincular-se de comportamentos de trapaça e, junto a esses, encontra-se o plágio.

Notamos ainda que estes licenciandos declaram desconhecer as orientações institucionais, aqui entendidas como as elaboradas e divulgadas por setores diversos das instituições de ensino, e reiteram seus dizeres afirmando não receberem informações específicas sobre plágio. Como dissemos no item Orientações Institucionais, raramente se encontram orientações sobre plágio e, quando estas existem, não são veiculadas de modo a atingirem o público almejado.

O grupo de licenciandos que declara plagiar ainda define plágio como sendo a cópia integral de um texto, ou obra, sem as devidas referências, denotando desconhecimento mais amplo acerca do que seja e do que configure plágio.

Os demais tópicos encontram-se diluídos, impedindo-nos de tecer comentários mais precisos, contudo, são dados que se fazem presentes e, dessa forma, pedem futuras investigações.

Perfil de quem declara plagiar	
N=9	
Usa internet como uma fonte de buscas	9
Define honestidade como sendo não plagiar/citar fontes	
Não conhece orientações institucionais sobre plágio	8
Não recebe informações sobre plágio	
Acha que a internet facilita o plágio	
Usa a internet é como 1ª fonte de buscas	7
Define desonestidade como sendo plagiar/não citar fontes	
Define plágio como cópia integral sem referência	
Declara que professor não ensina pesquisa	6
Diz ter plagiado na escola	5
Reconhece-se como autor	
Plagam, mas acham errado	4
Justifica plágio pela dificuldade de escrever ou por não conhecer o conceito	3
Utiliza paráfrase, cópia de internet e cópia integral como formas de plágio	

Tabela 41: Perfil do licenciando plagiador

5.13.3.
PERFIL DE QUEM COMETE PLÁGIO DE MODO NÃO INTENCIONAL

Perfil de quem comete plágio não intencionalmente	
N=9	
Não conhece orientações institucionais	8
Acha que a internet facilita o plágio	
Usa a internet como fonte de busca	7
Reconhece-se autor	
Define desonesto como quem plagia/não cita fontes	6
Declara ter plagiado na escola	
Usa a paráfrase como forma de plágio	
Define honesto como quem não plagia/cita fontes	5
Não recebe informações sobre plágio	
Define plágio como cópia integral sem referência	
Declara que o professor não ensina pesquisa	
Não faz plágio e acha errado	
Justifica plágio por ter dificuldade de fazer pesquisas/desconhece o conceito	
Usa a internet como a primeira fonte de buscas	3

Tabela 42: Perfil de quem comete plágio não intencionalmente

O resumo dos dados que compõem o perfil dos licenciandos que cometem plágio não intencionalmente nos mostra que: a) estes licenciandos não conhecem orientações institucionais acerca do plágio; b) a internet é uma das fontes de buscas por eles utilizadas e a mesma facilita o plágio; c) esses licenciandos se reconhecem como autores. Os demais dados da tabela encontram-se bastante homogêneos, não nos permitindo análises mais precisas.

5.13.4. PERFIL DE QUEM NÃO COMETE PLÁGIO

Perfil de quem não comete plágio N=12	
Não conhece orientações institucionais	12
Usa internet como fonte de busca	9
Acha que a internet facilita o plágio	
Usa internet como primeira fonte	
Reconhece-se autor	8
Define honestidade como sendo não plagiar / citar as fontes	
Define desonesto como sendo quem plágia / não cita fontes	
Define plágio como cópia integral sem referência	
Declara ter plagiado na escola	7
Professor de sala de aula não ensina pesquisa	
Professor ensina pesquisa em disciplinas específicas	6
Recebe orientações do professor	
Não faz e acha errado / não faz por medo de ser descoberto	4

Tabela 43: Perfil de quem não comete plágio

Dos 30 entrevistados, 12 declaram não cometer plágio. O perfil desse grupo se faz pelo que a tabela anterior apresentou: a) não conhecem orientações institucionais acerca de plágio; b) a internet é uma das fontes de buscas utilizadas por esse grupo que também a considera facilitadora na construção do plágio; c) reconhecem-se como autores.

5.13.5.

RESUMO DOS ITENS MAIS EXPRESSIVOS DOS PERFIS GERAIS

AÇÕES	PLÁGIO NÃO INTENCIONAL N=9	PLÁGIO DECLARADO N=9	NEGA O PLÁGIO N=21	NÃO COMETE PLÁGIO N=12
Desconhece orientações institucionais	89%	89%	95%	100%
Reconhece-se como autor	78%	56%	81%	75%
Define plágio como cópia integral sem referência	56%	78%	67%	67%
Usa internet como forma de buscas	78%	100%	71%	75%
Define desonestidade como sendo o ato de plagiar	67%	78%	71%	67%
Define honestidade como sendo o ato de não plagiar	56%	100%	71%	67%
Recebe orientações dos professores em sala de aula	-	-	43%	50%
Recebe orientações dos professores de disciplinas específicas	-	-	-	50%

Tabela 44: Resumo dos itens mais expressivos dos perfis gerais de licenciandos

A partir dos dados descritos na tabela acima, podemos dizer que:

- 1) Todos os grupos analisados desconhecem orientações institucionais sobre o plágio;
- 2) Todos os grupos se reconhecem como autores (acima de 75%), havendo uma inexatidão nesta afirmação no que concerne ao grupo que declara plagiar (56%);
- 3) A definição de plágio como sendo cópia integral de texto ou obra sem as devidas referências encontra-se bastante homogeneizada entre os grupos em foco, o que nos remete à ideia de que há incerteza no entendimento do conceito.
- 4) A internet é uma das formas de consulta mais utilizadas, sendo citada em todos os grupos analisados;
- 5) A relação entre desonestidade e plágio encontra-se diluída entre os grupos;
- 6) O conceito de honestidade relacionado a não realização de plágio encontra-se diluído entre os perfis, com exceção do grupo de licenciandos que declara plagiar, grupo este com 100% de entendimento de que plágio está em relação oposta à definição de honestidade. Isto nos leva a crer que ao plagiar este grupo tem conhecimento do que realiza e dos riscos e consequências do seu ato.
- 7) Não há nos perfis que cometem algum tipo de plágio a ocorrência do recebimento de orientações acerca do ato ilícito em questão, sejam elas oriundas dos professores de disciplinas diversas ou de disciplinas específicas de metodologias de pesquisa.
- 8) O grupo que não comete plágio apresenta respostas divididas entre receber orientações por parte dos professores de disciplinas comuns ou por parte daqueles que ministram disciplinas específicas. Contudo, de algum modo, este grupo declara ter informações oriundas de seus professores acerca do plágio.

Com base nos dados apresentados em todos os blocos deste capítulo, discutiremos a seguir os principais achados, de modo a dialogar com a literatura revisada e com o referencial teórico utilizado como norte desta empiria.